

STÉPHANE HABER

**PATOLOGIAS DA AUTORIDADE:
ALGUNS ASPECTOS DA NOÇÃO DE
“PERSONALIDADE AUTORITÁRIA”
NA ESCOLA DE FRANKFURT**

Tradutor: Hélio Alexandre da Silva

Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Natal, v. 21, n. 36
Jul.-Dez. 2014, p. 337-360

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Nota do tradutor: Texto originalmente publicado com o título “*Pathologies de l’autorité: quelques aspects de la notion de ‘personnalité autoritaire’ dans l’École de Francfort*” na revista *Cité*, n. 6, 2001/2, p. 49-66. Disponível em: < www.cairn.info/revue-cites-2001-2-page-49.htm >. Stéphane Haber é professor do Departamento de Filosofia da Université Paris X – Nanterre. Suas principais publicações estão inseridas no contexto da teoria crítica da sociedade. Destacam-se, dentre outros, os seguintes trabalhos: *Habermas et la sociologie*, Paris, PUF, “Philosophies”, 1998. *Habermas: une introduction*, Paris, Pocket/La Découverte, 2002. *Le Vocabulaire de l’École de Francfort* (com Y. Cusset), Paris, Ellipses, 2001. *L’Homme dépossédé: une tradition critique de Marx à Honneth*, Paris, CNRS Éditions, 2009. *Freud et la théorie sociale*, Paris, La Dispute, 2012. *Penser le néo-capitalisme*, Les Prairies Ordinaires, 2013. Além da tradução para o francês da obra de Axel Honneth, *La réification: petit traité de théorie pratique*, Gallimard, 2008. Hélio Alexandre da Silva é doutor em filosofia e professor adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). O tradutor agradece a Malu da Rosa e Leonardo da Hora pelas sugestões, porém assumindo integralmente a responsabilidade pela tradução.

É nos primeiros ensaios teóricos de Erich Fromm, publicados pela *Zeitschrift für Sozialforschung* no início dos anos 30, que se encontra uma primeira elaboração das noções de “personalidade autoritária” e de “caráter autoritário”. Uma sociologia psicanalítica, explica Fromm, não se reduziria – como sugere uma leitura possível de Freud, mas que não respeitaria verdadeiramente sua originalidade –, à aplicação, ao macro-sujeito ou a um grupo de hipóteses primeiramente adquiridas pelo estudo do indivíduo. Ela deve antes partir do princípio do caráter altamente modificável da libido individual para mostrar como ela se encontra, em parte, modelada pelas condições sociais e explica, por sua vez, a estabilidade histórica destas últimas. Essa é uma *characterologia* [*caractérologie*] que fornece o elo essencial à construção, se entendermos por caráter a maneira que os modos de satisfação ou não satisfação da libido se estabelecem em disposições duráveis, e é ela que permite percorrer o arco que vai das categorias psicológicas ao diagnóstico sobre o mundo contemporâneo¹. Assim, levando em consideração o quadro burguês que emerge dos estudos históricos de Weber e de Sombart, Fromm segue as sugestões do ensaio de Freud sobre “Caráter e erotismo anal”² e não tem dificuldade de reconhecer, no referido quadro, os traços de caráter, dominado por paixões tais como a cobiça e a inveja, a

¹ “A caracterologia psicanalítica não é apenas capaz, por referência aos fundamentos libidinais dos traços de caráter, de fazer compreender a função dinâmica deles enquanto força produtiva na sociedade, ela constitui também o ponto de apoio de uma sociopsicologia que mostra que os traços de caráter típicos, médios, de uma sociedade são condicionados pelas características dessa sociedade” (*Analytische Sozialpsychologie und Gesellschaftstheorie*. Frankfurt: Suhrkamp, 1982. p. 57).

² Para um estudo na psicanálise da ligação entre conduta capitalista e caráter anal cf.: Borneman, Ernest. *Psychoanalyse des Geldes*. Frankfurt-am-Main: Suhrkamp, 1973. Borneman mostra como os discípulos de Freud rapidamente tiraram conclusões audaciosas sobre a natureza essencialmente neurótica da sociedade capitalista. A proposta é, contudo, enfraquecida, devido ao fato de o capitalismo ser menos visto como um sistema social do que como um teatro onde se desdobra um certo número de condutas humanas típicas e ahistóricas: a despesa e a busca pela riqueza, o entesouramento avarento e o investimento desenfreado.

disciplina, a meticulosidade e o gosto obsessivo pela ordem, que constituem inicialmente para ele (no contexto perturbado da crise do regime de Weimar) uma síndrome que favorece a emergência de autoridades políticas repressivas e a fascinação pelos poderes fortes. O “Espírito do Capitalismo”, que deve ser, a partir de agora, explicado em termos psicanalíticos e não creditado precipitadamente a uma capacidade racionalizadora excepcional, como o faz Weber, continha em germe, ao lado de aspectos emancipatórios indiscutíveis, um apelo à autoridade factual e à obediência pura da qual nossa época revela os perigos³.

Inversamente e apesar de sua prudência, Fromm, aqui próximo a Reich, tende a considerar que apenas a classe trabalhadora, que vive no seio das relações sociais cotidianas, alicerçadas na solidariedade e não na concorrência, caracteriza-se consequentemente por uma síndrome de tipo genital, isto é, por uma forma não repressiva de sexualidade, que exerce um papel tanto de fonte quanto de símbolo da emancipação social. A síntese entre a teoria social e a psicanálise reconduz, portanto, sobre novas bases o otimismo marxista, segundo o qual a classe trabalhadora, em razão de sua posição nas relações de produção, está disposta a adotar um ponto de vista cientificamente fundado na realidade, bem como promover formas de ação legítimas. O conhecimento das formas do tornar-se adulto da humanidade concebida por Freud, sob a forma de uma teoria da passagem por diferentes estágios que devem conduzir à sexualidade genital assumida, leva, com efeito, a reconhecer o papel histórico de uma classe trabalhadora que se acredita menos sobrecarregada pelos preconceitos e perversidades tipicamente burgueses.

Apesar dos problemas levantados por essa pressuposição largamente mítica, as intuições de Fromm constituem a base de

³ É, provavelmente, com o texto de Fromm que começa a se articular a crítica frankfurtiana da tese weberiana sobre a ética protestante que se encontra em Marcuse e em Habermas. Ela seria menos, como em Weber, a fonte essencial da racionalização moderna do que o símbolo de uma modernidade ambivalente, de saída tanto emancipadora quanto criadora de novas alienações radicais.

um novo programa de pesquisa decisivamente original, que faz do caráter, interpretado em linguagem psicanalítica, porém resituado historicamente, uma das chaves para a explicação sociológica. Tais intuições forneceram os impulsos essenciais às pesquisas psicossociológicas da Escola de Frankfurt nos anos 30 e 40, que atingiram seu ápice 15 anos mais tarde com o estudo, co-dirigido por Adorno, *A Personalidade Autoritária*. Ainda que tenha o mérito de começar um trabalho de verificação empírica de hipóteses aventadas por Fromm no início da história da escola de Frankfurt, as elaborações intermediárias – aquelas do próprio Fromm e depois a de Horkheimer –, com efeito mostram-se menos equilibradas e, em parte, aporéticas.

Assim, a pesquisa dirigida por Fromm, *Trabalhadores e Empregados no início do III Reich*, que permaneceu inédita à época, constituiu uma primeira tentativa de sistematização e de confrontação com a pesquisa empírica em ciências sociais⁴. O princípio norteador desse trabalho é o de que existe uma relação estreita entre três elementos psicanalíticos que são: a estrutura psíquica, o pertencimento a uma classe social e as escolhas políticas dos indivíduos. Para Fromm, todas as atitudes sociais e as visões de mundo se distribuem entre dois modelos extremos, o comunismo revolucionário-democrata e o conservadorismo autoritário dos nazistas, que o autor descreve como vinculado muito claramente aos traços do estado anal, porém enfatizando bem menos que em seus artigos sobre a componente “retencional” e capitalista, destacada por Freud, do que sobre as potencialidades repressivas e raivosas [*haineuses*] sobre as quais K. Abraham havia chamado atenção ao aproximá-la do sadismo⁵: a adesão afetiva (burguesa) ao dinheiro, à ordem e ao poder é, primeiramente, compreendida como aquilo que encontra sua realização no prazer

⁴ Fromm, E. *Arbeiter und Angestellte am Vorabend des Dritten Reiches. Eine Sozialpsychologische Untersuchung*. Munich: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1980. Essa obra constitui a tradução de um relatório geral sobre a pesquisa redigida em inglês por Fromm e seus colaboradores depois de seu exílio nos E.U.A. e se manteve inédita à época.

⁵ Borneman, *op. cit.*

de exercer e de ver exercer a dominação. Em suma, Fromm retira de forma cada vez mais clara considerações sociopsicanalíticas no sentido de uma explicação da influência das ideias nazistas sobre a população alemã, de uma análise das condições de imposição de um laço social irracional e da autoridade política a ela ligada. Encontram-se elevadas à categoria de causa explicativa a existência e a predominância, na sociedade, de certo perfil psicológico, o caráter autoritário - aqui compreendido não como expressão de uma personalidade arrogante [*impérieuse*], nem mesmo somente como um gosto pela subordinação do outro e pelo comando, mais sim como um vínculo apaixonado *ao fato* da subordinação autoritária em si mesma, vínculo que conduz para um tipo de desejo universal de repressão sob todas as suas formas⁶.

Os resultados da pesquisa empírica fundada sobre essas pressuposições se revelaram naturalmente decepcionantes. O peso do postulado de uma divisão política entre uma direita tendencialmente repressiva, prisioneira da ideologia, e uma esquerda de vocação revolucionária e portadora da lucidez histórica, divisão que poderia se observar mesmo nas opiniões majoritariamente expressas pelos membros de diferentes classes sociais, não resistiu à prova da verificação. O que mais incomodou o psicanalista não foi tanto a existência de um forte contingente à esquerda de partidários declarados de um socialismo autoritário⁷, nem mesmo que quase dois terços das pessoas interrogadas não correspondiam a nenhum dos dois perfis extremos identificados, mas sim o fato de que, nas questões gerais de ordem socioeconômica, às quais correspondem os elementos dos programas de partidos políticos de esquerda ou dos sindicatos, os

⁶ “Na atitude autoritária, o que se encontra afirmado, na verdade, pesquisado, é que a procura do gozo está na submissão [*das Unterworfensein*] do homem a poderes exteriores, seja o poder do Estado, seja o de um chefe, da natureza, do passado ou de Deus. O forte e poderoso é por essa razão amado e admirado, os fracos e os pequenos detestados e desprezados [...] A atitude autoritária não procura a alegria [*lebensgenuss*] nem a felicidade, mas o sacrifício e o dever” (Fromm, *op. cit.*, p. 230).

⁷ Fromm, *op. cit.*, p. 232

trabalhadores exprimiam opiniões progressistas, porém, nas questões relativas à vida privada, por exemplo, eles se mostravam conservadores ou mesmo repressivos, o que deixa uma dúvida sobre a profundidade do *habitus* anti-autoritário e de todo modo os inclina certamente para um tipo de passividade política⁸. Esses paradoxos parecem ter paralisado o autor: no momento de avaliar as suas hipóteses de partida, ele renuncia ao uso de categorias psicanalíticas de onde ele havia partido, de modo que, mesmo cuidadosamente definida, a noção de personalidade autoritária permanece muito mais próxima de uma palavra de ordem política denunciadora do que objeto de uma interpretação psicanalítica e sociológica elaborada. Existem marcas de um essencialismo que deixa entre parênteses todos os traços da conjuntura histórica por somente raciocinar a partir de tipos puros resultantes, em última instância, de uma filosofia da história otimista decadente, mas que opõe, uma última vez, as forças do progresso àquelas da reação supostamente em declínio e por isso voltadas para a radicalidade destruidora.

Desse ponto de vista, pode-se dizer que a virada decorrente dos acontecimentos de 1933 exerceu um papel positivo na teoria, descreditando o otimismo histórico inicial, mesmo sem ter permitido imediatamente a elaboração de uma verdadeira síntese entre psicanálise e sociologia, como prometiam os primeiros esboços de Fromm. É, no entanto, no texto de 1936, na introdução geral aos *Studien über Autorität und Familie*⁹, que Horkheimer dá o passo decisivo, ao desvincular da análise em termos de classes sociais o quadro do caráter autoritário; esse novo “tipo antropológico”¹⁰ torna-se para a Escola de Frankfurt o centro de

⁸ Fromm, *op. cit.*, p. 247

⁹ Para uma análise global dessa obra, cf.: Jay, Martin. *The Dialectical Imagination*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1973. cap. 4. (Tradução brasileira: *A Imaginação Dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008).

¹⁰ Dubiel. *Kritische Theorie der Gesellschaft*. Weinheim; Munich: Juventa, 1992. p. 56.

gravidade de análise psicossociológica do presente. Nesse texto, não se trata mais de recuperar o grupo que, graças à sua constituição, traz as esperanças da emancipação humana, mas sim de compreender por que tanto o trabalhador, o pequeno burguês ou o burguês podem vir a desejar profundamente o fascismo e a procurar a alienação. A abordagem se concentra, então, em torno da análise, que representaria, para Fromm, apenas um aspecto do problema, dos impulsos sociais e psicológicos profundos do sucesso de diversos movimentos políticos que se reivindicam autoritários.

Novamente ao contrário de Fromm – que, em seus primeiros textos, já havia assinalado que a atitude autoritária, ainda que fosse característica do “espírito do capitalismo”, poderia também influenciar as classes dominantes¹¹ –, Horkheimer destaca que essa atitude não é um fenômeno patológico contingente que diria respeito apenas a certas camadas da população objetivamente atrasadas em relação ao movimento progressivo da história universal. Um retorno a Freud permite compreender que a fascinação pela autoridade constitui um fenômeno universal, porque está enraizado na própria educação¹²: com efeito, parece inevitável que o estado de dependência, de obediência e de adaptação passiva que caracteriza a infância se constitua no indivíduo enquanto um *habitus* estável e enquanto uma visão de mundo social, que não deva se surpreender que possa ser reativado em períodos críticos e de ansiedade, muito embora se trate de um fenômeno modelável historicamente. Assim, sem idealizar, podemos dizer que a família burguesa se constituiu ao mesmo tempo enquanto espaço originário de exercício e de aprendizagem

¹¹ Fromm, *Analytische Sozialpsychologie...*, p. 69.

¹² “Os diversos mecanismos que são implementados na formação do caráter autoritário no seio da família foram estudados, principalmente, pela psicologia da profundidade [*psychologie des profondeurs*] contemporânea. Ela mostrou como a dependência, o profundo sentimento de inferioridade da maioria dos homens e a polarização de toda vida psíquica sobre as noções de ordem e submissão, e, também, de outro lado, as realizações culturais dos homens são condicionadas pelas relações com seus pais ou por aqueles que ocupam esse lugar” (Horkheimer, M; Fromm, E; Marcuse, H. *Studien über Autorität und Familie*. Lüneburg: Dietrich zu Klampen, 1936).

da submissão e enquanto um ambiente *relativamente autônomo* de reprodução social. Desse modo, verdadeiros espaços de liberdade e racionalidade puderam se estabelecer e um progresso da emancipação individual pôde se afirmar. Lugar de aprendizagem da autoridade, fonte do autoritarismo e do gosto pelo poder, ela integraria também elementos moderadores e mesmo emancipadores. Porém, é essa ambivalência que desaparece na era do capitalismo organizado, da cultura manipulada e dos poderes tirânicos. Horkheimer compreende, assim, a erosão contemporânea do patriarcado como testemunha autêntica de uma crise geral da era liberal e de suas conquistas: “todos os valores culturais e todas as instituições que a burguesia criou e manteve tendem a se decompor”¹³. Assim, a família, que constituía um espaço relativamente preservado de formação e de proteção para o indivíduo, tende, doravante, seguindo as transformações da organização do trabalho, a ser *imediatamente* assujeitado aos imperativos sistêmicos que pesam sobre a sociedade: precocemente capturado pela esfera do mercado, submisso aos produtos da indústria cultural, recrutado pela pressão do conformismo, derivado de diferentes forças sociais, dependentes de poderes normalizadores¹⁴. Na melhor das hipóteses, a família se encontra rebaixada à categoria de lugar de intermediação [*relais*] dos

¹³ Horkheimer, *op. cit.* Em seu texto quase contemporâneo (1938) sobre os “complexos familiares”, Lacan exprime uma atitude tão ambivalente frente ao declínio histórico da figura do pai que ele analisa em termos surpreendentemente próximos daqueles de Horkheimer. Contudo, sem dúvida por prudência teórica, ele se recusa a utilizar esse diagnóstico para explicar o fascismo contemporâneo.

¹⁴ Adorno, duas décadas mais tarde, exprime as consequências epistemológicas dessa situação insistindo sobre o fato de que a existência de uma sociologia psicanalítica resulta de uma necessidade histórica: “A psicologia não é o domínio reservado do particular contra o universal. Quanto mais crescem os antagonismos sociais, mais o conceito individualista e liberal da psicologia perde evidentemente seu sentido. [...] O exercício do poder [*match*] social não tem mais necessidade de passar pelas mediações do eu e da individualidade” (Zum Verhältnis von Soziologie und Psychologie. In: Adorno, T.-W. *Soziologische Schriften I*. Frankfurt: Suhrkamp, 1995. p. 83).

poderes e dos sistemas que se constroem acima dela¹⁵. O “familiarismo” [*familiarisme*] fascista que procura oficialmente a consolidação do modelo burguês constitui, ao mesmo tempo, o sinal da crise e a causa provável de sua desapareção futura.

Em relação aos usos frommianos, tornados pouco funcionais de um ponto de vista empírico, trata-se, então, de mostrar como as potencialidades autoritárias presentes em cada um, por serem inerentes ao próprio fato educativo, atualizam-se e se radicalizam na época contemporânea. Apenas centrado na interpretação das evoluções históricas, o texto de Horkheimer faz um uso vago, aliás, muito raro, da noção de “atitude autoritária” e permanece ainda largamente indeterminado quanto às ligações que existem entre essa interpretação e o ponto de vista psicanalítico. Tal como na pesquisa de Fromm, as causas concretas da estruturação caracterológica [*caractérologique*] das pessoas, da adesão individual e coletiva aos movimentos autoritários não são verdadeiramente questionadas – e isso por razões simétricas, a saber, o peso de uma filosofia da história catastrofista que apresenta como “irresistível”¹⁶ o advento de poderes totalitários. Isso resulta em uma indecisão teórica bastante evidente: por vezes, na proposta de Horkheimer, a personalidade autoritária parece resultar diretamente da situação social pós-liberal, quer seja porque o indivíduo a tenha interiorizado pura e simplesmente, como parte de um sistema em si mesmo totalitário, quer seja porque ele se revolta contra esse sistema, mas de um modo tal que essa revolta, condenada ao fracasso, acaba por reforçar o sistema, como mostra a capacidade do fascismo de reciclar as rebeliões de todo tipo e se apoiar sobre o espírito de revolta. Mas, às vezes, de uma maneira menos brutalmente funcionalista, que sem dúvida dá

¹⁵ “No apogeu da era burguesa, a família e a sociedade tinham relações frutíferas que faziam com que a autoridade paternal estivesse fundada sobre seu papel social e que a sociedade se renovaria com a ajuda da educação patriarcal e sua finalidade autoritária. A família, mantendo-se indispensável, tornar-se-ia um simples problema técnico de governo” (Horkheimer, *op. cit.*, p. 307).

¹⁶ *Op. cit.*, p. 306.

mais peso ao momento psicológico, Horkheimer parece sugerir que, diante do aumento da força dos sistemas anônimos e sua influência crescente e desastrosa na vida concreta, o indivíduo, confrontado com a realidade social reificada e opaca, que lhe escapa e prejudica objetivamente e lhe submete a frustrações repetidas, só pode sentir impotência e humilhação. Ora, enquanto diminuem os recursos que permitem às pessoas compreender o que lhes ocorre, interpretar o mundo a sua volta e sobretudo controlar um pouco mais de perto seu destino, o terreno está pronto para a entrada em cena de crenças mágicas ou delirantes, de um lado, e para a busca por referências sociais fixas e tranquilizadoras, de outro. Em suma, a humilhação é sempre suscetível de se converter em fantasmas paranoicos, em agressividade reativa e em identificações valorizantes compensadoras; e é a realização dessa possibilidade que abre as portas para condutas autoritárias. É exatamente essa segunda versão que vai se revelar a mais fecunda, é ela que, na *Personalidade Autoritária*, dará lugar à tentativa mais profunda e mais abrangente de tornar empiricamente operatório o conceito de “caráter autoritário” assim definido.

Essa ampliação do conceito foi alcançada por uma pesquisa empírica sobre o antissemitismo nos Estados Unidos no fim dos anos 40. Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer, de modo puramente especulativo, fizeram do antissemitismo o modo com que o Ocidente, que viveu da dominação sobre a natureza e sobre os homens, radicalizaria suas próprias tendências, concentrando-as em um grupo minoritário – ao qual se atribui precisamente de modo pejorativo a intenção de dominar a natureza e os homens – fazendo cair, uma após a outra, as conquistas da civilização que ele pretendia encarnar revelando sua verdadeira face¹⁷. Colocando entre parênteses a análise das origens da conjuntura contemporânea, *A Personalidade Autoritária* pretendia constituir um tipo de verificação e de contrapartida

¹⁷ Adorno; Horkheimer. *Dialectique de la raison* (1944). Paris: Gallimard, 1974. p. 177-216 (Tradução brasileira: *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. p. 139-171).

psicossociológica dessa aproximação que se apoiaria no conceito anteriormente elaborado pelos teóricos críticos e que deu o título à obra. Contudo, o novo contexto histórico, o fim dos anos 40, influi na retomada da noção de caráter autoritário. Assim, o foco na questão antissemita constitui a ocasião de uma dramatização absolutamente compreensível: por um lado, é mais claramente o ódio perseguidor em relação às minorias e não mais o espírito reacionário em geral ou a docilidade na consideração dos poderes existentes que se tornaram o centro da investigação; por outro lado, tal como historicamente a mentalidade guerreira, os fantasmas genocidas e sua realização e não mais apenas a atração ordinária pelos poderes fortes, são revelados como *a verdade* da virada fascista; sobre o fenômeno da personalidade autoritária pesa a partir de agora a acusação de subverter todas as realizações humanistas da civilização. Mesmo que, na pesquisa americana, os autores se limitem sobriamente a apresentar a atitude fascista – da qual o antissemitismo representa, segundo eles, a expressão mais clara – como uma ameaça ainda atual nos Estados Unidos, para a democracia e as instituições liberais, esse pano de fundo permanece presente¹⁸.

A mudança de conjuntura histórica que se operou desde o texto de Horkheimer e, ainda mais, desde o estudo dirigido por Fromm, já se faz notar na problemática de origem da pesquisa, isto é, não se trata mais de explicar as razões de um conservadorismo compulsivo que ignora o sentido da história, mas de compreender as causas das trágicas regressões contemporâneas: quais são os fatores psicológicos que favorecem a receptividade da propaganda

¹⁸ “Na verdade, aqueles que queriam exterminar os judeus não queriam, como às vezes se imaginou, exterminar em seguida os irlandeses e os protestantes. Mas a limitação dos direitos dos homens derivada da ideia de um tratamento particular dos judeus não implica apenas a abolição final da forma democrática de governo e da proteção jurídica do indivíduo, ela é também frequentemente associada àqueles que obtêm autos índices [nos testes que medem as atitudes autoritárias] de ideias abertamente antidemocráticas” (Adorno; Frenkel-Brunswik; Levinson, Sanford *et ali*. *The authoritarian personality* (1950). Citamos a edição resumida – New York: Norton & Company, 1982. p. 345).

fascista, sobretudo em sua componente racista e xenófoba? Como vieram a sustentar opiniões, manifestamente irracionais ou mesmo delirantes, sobre o curso do mundo histórico e social e ainda se tornaram capazes, em certas condições, de aderirem a movimentos políticos de tipo fascista? Como preconceitos banais e estereótipos sociais puderam agir em função de um ódio criminoso¹⁹? Do mesmo modo, um fundo marxista ligado à filosofia da história otimista, ainda muito presente na primeira pesquisa de Fromm, desaparece sem deixar vestígios: o perfil psicológico e caracterológico das pessoas não se mede mais por escolhas políticas determinadas e expressas pela reivindicação de diferenças partidárias que refletiriam pertencimentos de classe, mas por atitudes ideológicas gerais, transversais em relação aos diferentes grupos que separam a sociedade e que se manifestam em reações espontâneas ou na expressão de opiniões gerais. Assim, diferentemente de Fromm, Adorno e seus colaboradores insistem sobre o caráter relativamente neutro dos fenômenos estudados considerando as divisões de classe: o antissemitismo burguês e proletário têm, segundo eles, formas distintas, porém revelam estruturas psíquicas profundamente idênticas²⁰. Outro sinal de distanciamento do marxismo: nas análises teóricas que concluem a obra, Adorno recorre menos à noção clássica de ideologia do que à descrição de como certos preconceitos e estereótipos sociais, que respondem a necessidades psicológicas de massa, podem operar de modo perigosamente mágico, isto é, ignorando o princípio de realidade e se constituindo em crença rígida e impermeável à experiência²¹. São menos os interesses socioeconômicos que os

¹⁹ *Op. cit.*, p. 8-9.

²⁰ *Op. cit.*, p. 330.

²¹ “Se o antissemitismo é um ‘sintoma’ que adquire uma função ‘econômica’ no interior da psicologia do indivíduo somos conduzidos a postular que esse sintoma não é simplesmente ‘dado’ como uma expressão daquilo que o sujeito deve ser, mas que ele se constitui enquanto produto de um conflito. Ele deve sua irracionalidade a dinâmicas psicológicas que forçam o indivíduo, ao menos em certos domínios, a renunciar ao princípio de realidade” (*op. cit.*, p. 319).

interesses psíquicos que explicam “em última instância” o apego às crenças falsas, isto é, – que Adorno introduz na discussão de modo original – que tomam o aspecto de sistemas fechados, imunes contra a invalidação empírica.

Para realizar seu projeto, os autores de *A Personalidade Autoritária* recorrem ao conjunto de recursos da investigação psicossociológica “de tipo americano”, essencialmente entrevistas individuais e questionários aos quais são submetidos alguns grupos alvos supostamente representativos, sem, no entanto, por motivos técnicos evidentes, pretenderem uma representatividade exata em relação à população global dos Estados Unidos, como faria uma pesquisa. Esses questionários trazem questões abertas, que comportam uma dimensão projetiva (quais são as pessoas que você mais admira? O que te deixa com raiva? etc.) e que, supostamente, tornariam possível a expressão de uma sensibilidade antissemita mais ou menos marcada. Dessa maneira, elas tomam a forma do anúncio de uma opinião corrente ou de um lugar comum (com o seguinte modelo: os judeus têm poder demais no nosso país, eles dominam a economia, eles são obcecados por dinheiro, eles têm espírito de clã etc.) em relação ao qual o sujeito deve se situar em uma escala que varia do acordo completo (+3) ao desacordo total (-3), sendo proibidas a neutralidade e a abstenção. A partir daí, a obra procura se aprofundar empírica e progressivamente nos primeiros resultados estatísticos, graças, evidentemente, às entrevistas individuais mais completas e às pesquisas de fatores explicativos advindos do pertencimento social (em termos de renda, de profissão, de idade), igualmente graças aos ajustes “técnicos” destinados a tornar os questionários mais coerentes, mais completos, e finalmente controlar os complexos de crenças em questão. Mas, sobretudo, os autores procuram, percorrendo o caminho inverso da *Dialética do Esclarecimento*, ampliar a pesquisa sobre o antissemitismo para um diagnóstico global sobre o presente e, assim, distinguir o perfil psicológico característico do homem médio do crepúsculo da modernidade. Para isso, a

pesquisa se estende para a análise do etnocentrismo *WASP*²², do naturalismo e das opiniões socioeconômicas reacionárias, às quais os preconceitos contra os judeus se unem naturalmente. Ela terminaria, então, com a elaboração da “escala F” (i.e fascista) que supõe poder medir, de modo geral, a receptividade das ideologias autoritárias e revelar, em particular, uma estrutura de personalidade recorrente na sociedade contemporânea. Assim, por exemplo, “os resultados obtidos na escala E [fundada em um questionário que mede o etnocentrismo] sugerem fortemente que, subjacente às numerosas respostas marcadas pelos preconceitos, encontrar-se-ia uma disposição não só a glorificar as figuras de autoridade próprias do grupo, a obedecê-las acriticamente, mas também a querer punir aqueles que não pertencem ao grupo em nome de alguma autoridade moral”²³. A escala F nasce dessa constante e constituirá um instrumento de medida geral da presença de traços típicos do caráter autoritário.

A partir desse momento, os autores elaboram um novo questionário, mais geral, que trata de medir essa disposição de base, bem como uma análise de seus traços distintivos. Dentre as opiniões e atitudes que testemunham essa disposição, os autores insistem particularmente nas seguintes: o conformismo rígido; a defesa de uma educação severa; a imagem de uma nação trabalhadora e em ordem, submissa aos seus chefes; a dureza; a agressividade em relação às minorias culturais; a rejeição da diferença em geral; o apego às crenças irracionais de tipo paranoico, em particular aquelas unidas à ideia da presença de

²² O termo *Wasp* pode ser entendido de modo geral como um acrônimo que em inglês significa “Branco, Anglo-Saxão e Protestante” (*White, Anglo-Saxon and Protestant*). Usado frequentemente em sentido pejorativo, o termo presta-se a designar um grupo relativamente homogêneo de indivíduos estadunidenses de religião protestante e ascendência britânica que, mesmo que supostamente, detêm enorme poder econômico, político e social. É comum também ser empregado como indicação de desaprovação ao poder excessivo de que esse grupo gozaria na sociedade norte-americana. Salvo em tom jocoso, não é incomum que alguém se refira a si mesmo como um *wasp*, salvo que seja em tom jocoso. (N. T.)

²³ *Op. cit.*, p. 157.

forças ameaçadoras e incontroláveis na sociedade e no mundo; uma forte projeção (com a propensão particular a atribuir a grupos específicos a realização desenfreada de desejos sexuais ou fantasmas de dominação e sucesso que se reprime por si mesmo); a hostilidade em relação à imaginação e à originalidade pessoal; a ausência de recursos críticos que permitam ao indivíduo o estabelecimento de uma relação de autocrítica²⁴. Incontestavelmente, as opiniões e atitudes medidas pelas questões da escala F oferecem uma imagem mais rica do caráter autoritário do que aquela que apareceu nos primeiros escritos de Fromm e de Horkheimer. Mas, por outro lado, pode-se questionar se esse quadro não toma o aspecto de uma reunião artificial de certos traços de aparência antiliberal, mas que, no fundo, podem ser heterogêneos quanto às suas fontes psicológicas, sua significação histórica e, principalmente, sua periculosidade política.

A dificuldade é particularmente perceptível quando, da lista de nove sinais psicológicos essenciais distinguidos pelos autores (convencionalismo conformista, submissão à autoridade, agressividade autoritária, recusa de introspecção, superstição, dureza, tendência a denegrir o outro, projeção, tendência a exagerar cinicamente os motivos baixos, em particular os sexuais na vida dos homens), o autoritarismo parece constituir, ao mesmo tempo, *uma parte* e *o todo* da síndrome que permite revelar a escala F. Como se ter certeza, então, de que todas essas características constituam um sistema e que, por exemplo, a expressão das convicções astrológicas (questão 1), a crença compulsiva na familiaridade das relações sociais (questão 17), a afeição às raízes tradicionais do *american way of life* (questão 3), a hostilidade contra os homossexuais (questão 31) e a espera de um líder carismático enérgico para governar o país (questão 74) pertençam ao mesmo conjunto coerente, em última instância, fundado em uma estruturação autoritária da pessoa, a qual se inclinaria automaticamente às adesões fascistas?

²⁴ *Op. cit.*, p. 157.

A isso se acrescenta outra dificuldade, que também aparece como uma contrapartida do enriquecimento considerável das hipóteses, possibilitado pela perspectiva psicossociológica de *A Personalidade Autoritária*. Ao fim de uma filosofia da história catastrofista, como aquela da *Dialética do Esclarecimento*, que tem um papel de pano de fundo teórico discreto na pesquisa americana, essa personalidade deveria ser apresentada como a única forma de humanidade adequada à modernidade pronta para revelar sua verdadeira natureza no totalitarismo e na guerra universal, numa palavra, na *dominação total*. Porém, o uso insistente de categorias psicanalíticas traz, antes, a tomada de consciência do fato de que ela constitui *apenas um* dos resultados possíveis da socialização²⁵. Aliás, os resultados da pesquisa sociológica a partir da escala F não apontam nenhum indício de que a população americana seria dominada por fascistas declarados ou potenciais. Certamente, a grande presença de preconceitos anti-minorias e de atitudes hiper-conservadoras, bem como o fato de que apenas uma pequena parte dos *low-scorers* da escala F revele tendências anti-autoritárias fortes e conscientes, capazes de se traduzir eventualmente em atitudes de resistência, não estimula a revisão do pessimismo de partida²⁶. Resta que, apesar de seu título, a obra levaria mais a certa relativização da figura da “personalidade autoritária”, com uma tendência a se desfazer a polaridade entre o caráter liberal-democrático (revolucionário, segundo a terminologia de Fromm) e o caráter conservador-autoritário em proveito de uma gradação dos tipos de condutas variadas, ao menos nas conclusões de Adorno.

Com efeito, uma pontuação elevada no que concerne aos preconceitos anti-minorias ou às atitudes de tipo autoritário pode exprimir várias “síndromes” mais ou menos perigosas, explica

²⁵ Assim, Adorno evoca essas categorias como um tipo, cujos representantes se encontram efetivamente entre os personagens interrogados, o “liberal autêntico”. Sua estrutura psíquica “pode ser concebida a partir desse equilíbrio entre o supereu, o eu e o id que Freud consideraria como ideal”. (*op. cit.*, p. 373).

²⁶ *Op.cit.* p. 373-385.

muito claramente Adorno em um dos capítulos conclusivos do livro. Inicialmente, há lugar para distinguir o *ressentimento de superfície*: aqui, a pessoa racionaliza as dificuldades encontradas na vida e exprime os sentimentos antidemocráticos e hostis contra grupos estigmatizados, mas tais sentimentos não parecem ser objeto de investimentos libidinais muito fortes; a dimensão projetiva é pouco importante e os fantasmas de exterminação em geral estão ausentes; as pessoas envolvidas são capazes de realizar argumentação racional. Na *síndrome convencional*, “o estereótipo que vem de fora [...] foi integrado à personalidade como um aspecto de um conformismo geral. Encontra-se uma insistência, nas mulheres, sobre a limpeza e a feminilidade e, nos homens, sobre o fato de ser um cara [*mec*] de verdade, um durão. A aceitação dos critérios em uso supera o descontentamento. O que prevalece é a oposição entre aqueles que fazem parte do grupo e os outros”²⁷. Em terceiro lugar, a *síndrome autoritária*, mesmo que apareça apenas a título de caso particular, constitui o centro de gravidade da tipologia adorniana. Adorno resume e enriquece, aqui, as aquisições teóricas alcançadas desde a primeira intervenção do conceito na época dos textos de Fromm, insistindo, no entanto, fortemente sobre seu ancoramento psicanalítico e o reorientando para o tema do enfraquecimento do eu. O caráter autoritário resultaria, segundo essas formulações definitivas, de uma resolução sado-masoquista do complexo de Édipo que levaria, por um lado, a transformar a hostilidade ao sensor paterno em consideração e amor ambivalente por ele e, por outro, a não exceder o momento do ódio em geral, que termina por estruturar o campo da intersubjetividade e da relação a si mesmo: “a fim de conseguir ‘interiorizar’ o controle social, que proporciona menos satisfações ao indivíduo do que este lhe custa, sua atitude contra a autoridade e seu representante psicológico, o supereu, assume um aspecto irracional. O sujeito só consegue se ajustar à sociedade tendo prazer na obediência e na subordinação – assim como os traços compulsivos característicos do estado anal. Com isso,

²⁷ *Op.cit.*, p. 358.

aparece uma tendência sado-masoquista que representa tanto a condição quanto o resultado da adaptação social”²⁸. Contrariamente às duas primeiras síndromes, o estereótipo social adquire, aqui, uma função psicológica determinante: “ele ajuda [o sujeito] a canalizar sua energia libidinal segundo as exigências de seu supereu arrogante [*impérieux*]”²⁹. Do ponto de vista psicológico, os indivíduos desse tipo se caracterizam por sua rigidez não comunicacional na consideração para com o outro, pela frustração e falta de distanciamento crítico em relação a si mesmos, pela frieza nas relações interpessoais e pela dureza da partilha que instauram entre “os nossos”, construídos no modelo da família, e os outros, os estrangeiros. Nessas condições, o supereu não possui mais a função benfeitora de censor moral que permitia a Freud ver nele o guardião da moral e da civilização: finalmente investido pelas forças derivadas do id³⁰, o indivíduo elabora, por exemplo, racionalizações morais (a busca da responsabilidade nos males do presente, o desejo de “educar” as minorias) que mascaram mal a influência de desejos punitivos puros e simples ou mesmo de fantasmas purificadores mortíferos.

No estudo de Adorno, a esses três primeiros tipos fundamentais acrescentam-se duas formas que marcam as mudanças ocasionadas por patologias individuais e que podem predispor ao engajamento ativo em movimentos fascistas. Encontra-se, de um lado, a *síndrome do rebelde*, do marginal, que traz a superestima paranoica de si e a destruição do que existe; e, de outro, a *síndrome do manipulador*: aqui “as noções rígidas tornam-se muito mais os fins do que os meios e o mundo inteiro é dividido em domínios administrativos vazios e esquemáticos”³¹. Encontramo-nos, segundo Adorno – que não hesita aqui em atribuir à psicologia do dirigente nazista um gênero literário de grande sucesso na

²⁸ *Op.cit.*, p. 361.

²⁹ *Op.cit.*, p. 361.

³⁰ Como escreverá Adorno alguns anos mais tarde: “O triunfo das tendências arcaicas, a vitória dela sobre o eu, harmoniza-se com a vitória da sociedade sobre o indivíduo” (*Zum Verhältnis...*, p. 83).

³¹ *Op.cit.*, p. 369.

psicanálise popular do pós-guerra –, próximos da esquizofrenia, pois se trata de “um tipo de super-realismo compulsivo que considera todos como um objeto que deve ser tratado, manipulado, apreendido pelos modelos teóricos e práticos do sujeito”. Ao lado da síndrome autoritária, portanto, algumas patologias individuais “clássicas”, mais ou menos discretas, constituiriam às vezes, acrescenta Adorno de modo inesperado e difícil de articular com seu modelo de partida, fatores que predisporiam à adesão fascista.

Em resumo, *A Personalidade Autoritária* representa um momento feliz, um momento de equilíbrio, não apenas na história da relação entre análise empírica e interpretação filosófica da história, mas também na relação entre psicanálise e sociologia: a concepção freudiana do “caráter anal”, mobilizada para dar conta das patologias coletivas, cresceu em um rico conjunto de hipóteses diferenciadas, ajustadas às conjunturas históricas presentes e mais ou menos verificáveis por meio da pesquisa. Mas, pode-se dizer que a obra de 1950, que marca seu apogeu, corresponde ao começo do declínio da noção de personalidade autoritária e, ao mesmo tempo, do superinvestimento teórico de que ela foi objeto na Escola de Frankfurt. Com efeito, em razão da ambivalência dos conceitos psicanalíticos utilizados e dos resultados sociológicos da pesquisa, bem como da complexidade da tipologia proposta no início, a hipótese filosófica hiperpessimista de partida – o caráter autoritário como tipo antropológico majoritário, adequado à modernidade, que se afunda na dominação total –, quase não foi verificada, o que relativiza, de uma só vez, não necessariamente a pertinência do próprio conceito de personalidade autoritária, mas seu uso inflacionado e acrítico no diagnóstico histórico.

Essa revogação é perceptível na própria obra posterior de Adorno e se explica, em parte, por aquilo que foi apreendido nos anos 50, ou seja, que a difusão de uma linguagem psicanalítica na sociedade e nas ciências sociais modificou os dados do problema revelando evoluções originais ocorridas desde o período da guerra mundial. Sem ser renegada, a noção de “personalidade autoritária” se desfaz, na medida em que Adorno adota, cada vez mais sistematicamente, uma postura de crítica exterior ou mesmo de

denúncia em relação às ciências existentes, movido, particularmente, pelo receio de que sua proposta de 1950 não seja alinhada às intenções onipresentes dos benevolentes terapeutas da adaptação social, de um eu forte e de um sujeito reconciliado consigo mesmo – tantos são os intentos que ele considera agora não apenas inúteis, mas sobretudo ilusórios e nefastos em uma sociedade essencialmente irracional³². Por ter contribuído para colocá-la em circulação, a psicanálise não poderia ser invocada, estima Adorno, contra a imagem ideológica do indivíduo livre, são e radiante, imagem mais perversa do que aquela anterior (do indivíduo submisso às autoridades), na medida em que ela parece consagrar o indivíduo ao momento que é, de fato, aquele de seu colapso real. Dada a nova situação ideológica, não se trata tão somente de contribuir para fundar uma sociologia psicanalítica, mas sim de constatar as reapropriações e os maus usos da psicanálise que impedem de observar de frente a realidade da sociedade administrada.

Esse abandono adorniano abriu a porta para dois tipos de radicalização. A primeira se realizou nos textos clássicos de Mitscherlich. Ainda que siga a interpretação horkheimeriana da evolução contemporânea da família burguesa, ele não se mostra mais tão certo de que a crise do mundo patriarcal conduz inevitavelmente ao investimento precoce do indivíduo pelas exigências sistêmicas, lançando-o, assim, abandonado no capitalismo totalitário e nas organizações alienantes. Fortemente

³² Ainda que tivessem indiretamente tornado possível seu próprio trabalho, Adorno pode rejeitar suas concepções ao situá-las na corrente “revisonista”, à qual ele irá se reagrupar, de um modo análogo a Lacan, a um só tempo os freudo-marxistas e aqueles que se reclamam de uma psicologia do eu ao estilo de Anna Freud e de K. Horney: “Benjamin já havia mostrado que o ideal do caráter genital, estava em voga há vinte anos entre os psicanalistas, que, entretanto, passaram a preferir as pessoas bem equilibradas, constituídas de um supereu bem desenvolvido consagrado ao *blond Siegfried*. O homem autêntico no sentido freudiano, isto é, liberado de todo recalque [*refoulement*], assemelha-se, na atual sociedade da conquista, ao predador [...] Fora seu uso negativo, toda imagem normativa do homem é ideologia” (Zum Verhältnis..., p. 66).

influenciado pelos sinais dos movimentos sociais e pelas revoltas estudantis dos anos 60, o psicanalista defende uma hipótese que Adorno, prisioneiro de seu funcionalismo³³, teria excluído: a hipótese de que pode haver um desajuste profundo entre as exigências do sistema social e as aspirações individuais. Assistir-se-á surgir, na população (tal seria o ensinamento dos anos 60), a queda de valores ligados à virilidade e à afirmação autoritária de si que marcam, ainda, as relações sociais, e o crescimento simétrico, nos jovens, de valores democráticos (“fraternais” mais do que “paternais”), de crítica e de discussão; em resumo, viveríamos uma substituição progressiva, forçosamente crítica, do antigo conservadorismo de adaptação e de rigidez pelos ideais de tolerância e de autonomia. De todo modo, o apagamento progressivo da figura antiga do pai e a transformação do supereu que daí resulta parecem ricos em potencialidades diversas, cuja deriva autoritária seria apenas um exemplo, conforme insiste Mitscherlich³⁴.

A outra via de saída do paradigma autoritário foi construída de maneira provocadora por Ch. Lasch, reproduzida na França por autores como Lipovetsky³⁵. Ela consiste em fazer remontar, sem mais, os estudos de Adorno e seus colaboradores a uma fase ultrapassada da história moderna e, trabalhando com outros aspectos do vocabulário freudiano, sustentar que a *personalidade narcísica* é, na sociedade contemporânea, a sucessora da *personalidade autoritária*; o surgimento da sociedade de consumo não teria praticamente aniquilado os riscos de uma recaída fascista? Ela não teria consagrado a figura do indivíduo hedonista, irônico, livre das frustrações, sem vínculos fortes e mantendo apenas uma relação desencantada e cética com as tradições e os

³³ Dubiel, H. Die Aktualität der Gesellschaftstheorie Adornos. In: von Friedeburg, L.; Habermas, J. (Ed.). *Adorno-Konferenz* 1983. Frankfurt: Suhrkamp, 1983. p. 293-313.

³⁴ Les Masses ou deux sortes d'absence du père. In: Mitscherlich, Alexander. *Vers la société sans pères* (1963). Paris: Gallimard, 1969. p. 297-336.

³⁵ Ch. Lasch. *La Culture du Narcisisme* (1979). Paris: Climats, 2000. Lipovetsky. *L'ère du vide*. Paris: Gallimard, 1983.

poderes³⁶? Os perigos de nossa época tenderiam mais para um individualismo desenfreado do que para os riscos gerados pela disposição a aderir passionalmente à submissão e à repressão. Durante os anos 90, essa linha de raciocínio se modificou em direção ao sentido mais crítico que a tornou mais defensável frente às hipóteses clássicas da Escola de Frankfurt. Do ponto de vista de vários autores, o que distancia, doravante, nossa época da conjuntura interpretada por Fromm e Adorno é que o exercício da dominação social simplesmente *não necessita mais* da rigidez autoritária e da submissão passiva dos indivíduos. Em certos setores da sociedade, ela tende a se acomodar a um estilo mais calmo, inimiga das hierarquias e das rotinas, promotora da livre expressão, da espontaneidade individual ou a exigir esse estilo que, bem entendido, liga-se a outros gêneros de alienações e de injustiças³⁷.

É sob vários aspectos que o conceito de caráter autoritário não pretende mais, ao mesmo tempo, esclarecer as patologias sociais e explicar os impulsos psicológicos essenciais do exercício da dominação como de sua aceitação. Contudo, à parte todo superinvestimento teórico, os trabalhos que chamaram a atenção para a noção de personalidade autoritária, entre 1935 e 1950, podem permanecer exemplares para uma teoria política que se recuse a se fechar na falsa alternativa do normativismo e do

³⁶ Certamente, Adorno teria notado a importância heurística na sociologia do conceito freudiano de narcisismo: “O narcisismo socializado, tal como ele caracteriza os movimentos e as disposições de massa da época recente, unifica perfeitamente a racionalidade parcial do interesse pessoal com as deformações destrutivas e autodestrutivas que Freud teria unido à interpretação das ideias de Mac-Dougall e de Le Bon” (Zum Verhältnis..., p. 72). Mas, visivelmente, é a agressividade nacionalista mais do que o hedonismo individualista que lhe parece encarnar esse narcisismo coletivizado.

³⁷ Boltanski; Chiapello. *Le Nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999. Segundo alguns observadores, essas transformações não excluem o aumento da força impulsionada pelas evoluções do mercado de trabalho e da organização do trabalho de condutas tipicamente autoritárias no interior das empresas e organizações. Cf., p. ex.: Dejours. *Souffrance en France*. Paris: Seuil, 1998.

empirismo e que, por isso, não hesite em recorrer aos ricos recursos que propõe a psicanálise, quando se trata de esclarecer as formas irracionais dos laços sociais e do exercício da autoridade.

Tradução recebida em 22/05/2014, aprovada em 8/03/2015